

CULTURA RELIGIOSA

DIÁLOGOS

ORGANIZADORES

João Antonio Silveira Lins Sucupira
João Geraldo Machado Belocchio
Monica Baptista Campos
Rosemary Fernandes Da Costa

CREatividade | **10 anos**
Revista da Cultura Religiosa - PUC Rio

EDITORA
PUC
RIO

© **Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de S. Vicente, 225, Casa Editora PUC-Rio
Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22453-900
Telefone: (21) 3527-1760/1838
edpucRio@puc-rio.br
www.puc-rio.br/ediorapucRio

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz, Luiz Alencar Reis da Silva Mello, Luiz Roberto Cunha, Miguel Pereira e Sergio Bruni.

Revisão de texto

Cristina da Costa Pereira

Projeto gráfico de capa

Flávia da Matta Design

Editoração do miolo

SBNigri Artes e Textos Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cultura religiosa: diálogos / João Antonio Silveira Lins Sucupira ... [et al.], organizadores. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2018.

158 p. : il. ; 22 cm

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-8006-263-2

1. Religião. 2. Igreja Católica. 3. Ética cristã. 4. Religião e cultura. I. Sucupira, João Antonio Silveira Lins.

CDD: 200

Sumário

7 Prefácio

Pe. Waldecir Gonzaga

15 Introdução

Um espaço de diálogo entre a fé cristã e as culturas

Rosemary Fernandes da Costa

Parte 1

O Humano e o Fenômeno Religioso / Cristianismo

25 “Porque mistério sempre há de pintar por aí...”

Glória Fátima Costa do Nascimento

29 Espiritualidade conectada no Caminho

Paulo César Giordano

35 O desafio da dimensão social e política da fé

Gerson Lourenço Pereira

45 Teologia da Libertação: fé ou política?

Tereza Cavalcanti

59 Cristianismo e educação

Sérgio Gonçalves Mendes

69 Discernimento evangélico e o bem comum

Pe. Leonardo Agostini Fernandes

81 Superação da violência e construção da paz

Cardeal Dom Orani João Tempesta, O.Cist.

87 Ciência e Religião: chega de briga!

Celso Pinto Carias

Parte 2

Ética Cristã / Ética Socioambiental e Direitos Humanos

- 95 A Ética de Jesus**
Maria Carmen Castanheira Avelar
- 101 Jesus Cristo e o Reino de Deus**
Cecília Ribeiro Dâmaso
- 107 Esperança que nasce da experiência e nutre o cotidiano**
Rosemary Fernandes da Costa
- 115 Educar para/na tolerância: os desafios da ética de mínimos**
Marcelo Andrade
- 123 Participação social: olhares e práticas contemporâneos**
Renato Pontes Costa
- 133 Meios de comunicação social, educação e direitos humanos: algumas reflexões**
Fernando Galvão de Andrea Ferreira
- 143 Civilização do amor, cidadãos do mundo: por um novo *ethos* de menos individualismo e mais corresponsabilidade**
Patrícia Cristina Rodrigues
- 149 O cuidado da Casa Comum é nossa responsabilidade**
Pe. Josafá Carlos de Siqueira, SJ
- 155 Posfácio**
Repaginando
Pe. Marcos Vinício Vieira

Prefácio

Pe. Waldecir Gonzaga
Diretor de Teologia/PUC-Rio

A X Semana da CRE e o Livro Comemorativo

Neste ano e clima de celebração dos 50 anos da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín e da X edição da Semana da CRE, de 17 a 22 de setembro de 2018, temos a alegria de realizar o lançamento deste livro comemorativo de nossa Revista *CREatividade*, que é disponibilizada on-line, e continuará seguindo nesta direção, visto que esse canal e a gratuidade facilitam o acesso a todos os interessados, especialmente ao alunado que frequenta as quatro disciplinas oferecidas pela nossa CRE, na PUC-Rio. São elas: *O humano e o fenômeno religioso; cristianismo; ética cristã e ética socioambiental e direitos humanos*. Ressalto aqui, e com alegria, que tive a grata satisfação de trabalhar com várias turmas da CRE (de 2014.2 a 2015.2), com a disciplina *cristianismo*, e conservo ótimas amizades com alunos e alunas até hoje.

O campo de ação da CRE é uma escola do saber, do diálogo, da tolerância, do relacionamento, da amizade, da partilha, do amor, do carinho que todos os professores da teologia deveriam ter a oportunidade de experimentar na PUC-Rio, sendo um campo muito diverso do alunado da Teologia, pois se identifica pela pluralidade que vem de todos os cursos da universidade, com cabeças, corações, sentimentos, projetos e sonhos dos mais vastos e variados espaços possíveis do saber humano. Nas salas de aula da Cultura Religiosa, o professor conhece e se relaciona com jovens de todos os cursos e áreas das ciências que a Universidade acolhe em seu seio. A CRE, de fato, é “universitária”, no mais amplo e profundo sentido do termo. Ela participa da construção do saber de forma a se relacionar com o universal, que é próprio de uma Universidade, tendo como meio ambiente um campus de superlativa beleza e salutar diversidade, como é o *campus* da PUC-Rio/ Gávea.

O tema desta X Semana da CRE, a partir da tríade dos três “S”, “Semente, Sabor e Sabedoria”, presente na Parábola do Semeador (Mt 13,1-9), inspira o trabalho que realizamos nas quatro disciplinas que semestralmente são oferecidas aos alunos e alunas de todos os cursos de nossa universidade, esta Casa do Saber chamada PUC-Rio. Este tema coloca a CRE diante de sua missão, ou seja, de carinhosamente estar semeando *saber, sabor e sabedoria* em nossa PUC-Rio, e isso há mais de 77 anos, desde sua fundação e criação, aos 31 de outubro de 1941. Assim, os organizadores da X Semana traçaram e desenvolveram como meta o fato de que “nesta X edição, a partir do diálogo vivido nas mesas de debate, exposições e outras atividades, o que desejamos é justamente articular o ‘Saber’ produzido nas diferentes áreas de conhecimento da PUC-Rio com ‘Sementes de Sabor e Sabedoria’ para que gerem frutos de fraternidade, justiça e compaixão no mundo de hoje”.

Esta edição da semana da CRE debruçou-se sobre importantes e variados aspectos buscando refletir sobre a *memória*, com as sementes lançadas ao longo da história de nossa PUC-Rio, presentes hoje nas quatro disciplinas que os alunos e as alunas chamam de “Jesus I, Jesus II, Jesus III e Jesus IV”. Particularmente, eu considero um espetáculo esta nomenclatura que entrou na memória e no coração dos estudantes, sem que ninguém os obrigasse a pronunciar o nome de “Jesus”, como repetem pelos pilotis, salas de aulas, lanchonetes e restaurantes, facebook, twitter, instagram, whatsapp e outras mídias. Como é bom vê-los e ouvi-los pronunciando o nome de Jesus, que diz: “quem não é contra nós, é a nosso favor” (Mc 9,40).

Realmente, esta foi uma semana voltada para o saber e as ciências, as culturas e as religiões, a espiritualidade, a sabedoria e o bem viver. Além das coisas bacanas, inteligentes e boas que foram sendo geradas, tecidas e costuradas com amor, tudo isso veio regado pela temática sobre a qual estaremos pensando com muita atenção e rezando no Sínodo da Amazônia, em outubro de 2019, instigados pela Exortação Apostólica *Laudato Si*, do Papa Francisco. Mas, já pudemos refletir sobre tudo isso e celebrar tudo isso também no Evento Pró-Sínodo da Amazônia, que realizamos no dia 4 de outubro de 2018, com o lançamento, em língua portuguesa, do Portal *Healing Earth (Curando a Terra)*, e, igualmente, no Primeiro Congresso Brasileiro de Humanismo Solidário na Ciência, dias 9 a 11 desse mesmo mês, ambos em nossa PUC-Rio. Aliás, nos dias 17 a 20 de setembro de 2019, sempre aqui no campus da PUC-Rio, estaremos acolhendo o VII Congresso da ANPTECRE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciência da Religião), com o tema “Religião e Crise Socioambiental”. Esta será uma

ótima oportunidade para continuar construindo pontes e não muros na direção das muitas possíveis parcerias na superação desta crise socioambiental, que tem ferido a nossa sociedade.

Destaque especial, ao longo desta X edição da Semana da CRE, merece ser dado à presença e participação do corpo docente, dos alunos, dos funcionários e de todos os que vestiram a camisa para que este evento acontecesse de forma tão bonita como se deu. Mas, uma menção carinhosa vai à presença da Mostra “Sagrado Primitivo. O intermédio de dois mundos”, ao longo de toda a semana, inclusive contando com a presença do artista Geraldo Lacerdine.

A estrutura do livro e as quatro disciplinas da CRE

Depois de um longo e já sólido trabalho com as aulas presenciais e na modalidade on-line, com todo o trabalho com as semanas da CRE e com a Revista *CREatividade*, sempre na modalidade on-line, por ocasião do décimo aniversário da semana da CRE os docentes da Cultura Religiosa expressaram o desejo de que fosse publicado um livro comemorativo dos 10 anos da Semana da CRE, o que acolhemos com carinho. Levamos este sonho adiante para que ele se tornasse um projeto e pudesse ser realizado, contendo alguns dos artigos já publicados ao longo de todos os anos da Revista *CREatividade*, saindo de sua modalidade on-line para o formato físico, impresso, nesta edição em forma de livro.

O critério adotado pelos próprios membros da equipe da CRE para a seleção dos textos foi revisitar todos os artigos publicados ao longo destes anos e escolher alguns que pudessem ser mais significativos, contemplando as quatro disciplinas da CRE, distribuindo os textos em dois blocos: a) *O Humano e o Fenômeno Religioso e Cristianismo*, com os temas: o mistério; a espiritualidade; a dimensão social e política da fé; teologia da libertação; cristianismo e educação; discernimento evangélico e bem comum; superação da violência e construção da paz; e ciência e religião; b) *Ética Cristã e Ética Socioambiental e Direitos Humanos*, com os temas: a ética de Jesus; Jesus Cristo e o Reino de Deus; a esperança que nutre o cotidiano; educar para e na tolerância; participação social; meios de comunicação social, educação e direitos humanos; civilização do amor, cidadãos do mundo, por um *ethos* de menos individualismo e mais corresponsabilidade; e a nossa responsabilidade no cuidado da Casa Comum.

Seguindo o critério acordado, foram selecionados artigos de professores e professoras de ontem e de hoje, que trabalharam e que trabalham pelo bem da CRE, que ajudaram e que estão ajudando a construir a belíssima história deste

setor de nosso Departamento de Teologia, que abrange todos os alunos de nossa PUC-Rio, contemplando, inclusive, artigos de nosso predecessor na Direção do Departamento, do Reitor e do Grão-Chanceler da Universidade. Estes artigos agora se tornam capítulos deste belíssimo livro, uma obra coletiva intitulada *Cultura Religiosa – Diálogos*. A gama de ensaios dá o tom da Cultura Religiosa em diálogo com os docentes, o alunado, os saberes, a sociedade e as ciências, construindo sempre ponte e não muros, abraçando a interdisciplinaridade, como nos pede o Papa Francisco.

Medellín, o Vaticano II e as demais Conferências do CELAM

Como acenamos anteriormente, a X edição da Semana da CRE acontece no mesmo ano em que Conferência de Medellín celebra seus 50 anos de história. Ela é a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e ocorreu na cidade de Medellín (Colômbia), no período de 27 de agosto a 7 de setembro de 1968, contando com a presença do Papa Paulo VI em sua abertura, papa este que tinha participado de todo o Concílio Vaticano II (1962-1965), sendo inclusive eleito papa durante o Concílio, em 1963. Assinalamos aqui que São Paulo VI foi canonizado e declarado santo pelo Papa Francisco, aos 14 de outubro de 2018, juntamente com outros seis novos santos e santas para a Igreja de Cristo, inclusive um bastante jovem, o italiano Núncio Sulprizio, morto com apenas 19 anos de idade, em 5 de maio de 1836, e o arcebispo salvadorenho, Dom Oscar Romero, pastor e mártir da América Latina, morto em 24 de março de 1980.

Entre as várias atividades da X edição da Semana da CRE, na noite do dia 19 de setembro, tivemos o lançamento do livro: *Medellín. Memória, profetismo e esperança na América Latina* (Souza; Sbardelotti, 2018), que contém ensaios sobre a temática que essa conferência já tinha levantado há 50 anos e que precisa continuar a ser amadurecida.

A relevância de Medellín exige que nós nos detenhamos num breve relato, pois as conferências são importantes para a nossa missão de Igreja em todos os campos, inclusive na universidade, uma vez que cada uma delas dá sempre uma palavra sobre a educação e seus valores para a construção de uma sociedade justa e fraterna, para a edificação de uma nação e para o cuidado da Casa Comum.

Cinco décadas já se passaram e outras conferências também aconteceram, antes e depois da Conferência de Medellín, que foi precedida por uma I Conferência, que se deu na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, em 1952, sem a presença do papa, pois os tempos eram outros. Medellín foi sucedida pela III Conferência, que

aconteceu na cidade de Puebla, México, em 1979, com a presença do Papa João Paulo II para a abertura. Após, teve lugar a IV Conferência, na cidade de Santo Domingo, na República Dominicana, em 1992, com a presença do Papa João Paulo II na abertura, este também já declarado santo, aos 27 de abril de 2014, juntamente com João XXIII, sempre pelo nosso querido Papa Francisco. Finalmente, a V Conferência foi realizada no santuário e cidade de Aparecida, em São Paulo, Brasil, 2007, com a presença do Papa Bento XVI, hoje papa emérito, que renunciou em 2013. Na secretaria do evento e redação do documento final tivemos nada mais, nada menos que o Cardeal Mário Jorge Bergoglio, SJ, então Arcebispo de Buenos Aires, Argentina, eleito papa em 2013, assumindo o nome de Francisco, que nós conhecemos e muito amamos, o qual tem levado os compromissos de Aparecida para a Igreja Universal.

As duas últimas Conferências (Santo Domingo e Aparecida) foram intercaladas com o Sínodo da América, em Roma, em 1997, contando também com a presença do Papa João Paulo II. Naquele momento, a Secretaria de Estado do Vaticano, consultada sobre a possibilidade de se fazer uma nova conferência para não se interromper o período de aproximadamente 10 anos, o Cardeal Sodano, em exercício como secretário de Estado Vaticano, respondeu: “um sínodo, sim; uma conferência, não”. Os bispos latino-americanos e caribenhos levaram a questão diretamente ao Papa João Paulo II, que pediu que as Conferências Episcopais fossem consultadas. Das 22, apenas uma optou por um sínodo e as outras 21 optaram por uma nova conferência. O papa então indicou que se seguisse a tradição da Igreja latino-americana e a V Conferência, prevista inicialmente para Quito, no Equador, e depois para Buenos Aires, na Argentina, por decisão de Bento XVI, veio para Aparecida, Brasil, acontecendo, assim, num Santuário Mariano e de grande afluência de fiéis, propiciando o contato direto entre pastores e povo, gente da cidade e romeiros de todos os lados (Beozzo, 2017).

Nos dias 23 a 26 de agosto de 2018, tivemos a alegria de participar do Congresso Eclesial ‘Medellín 50 Años’, em Medellín (Colômbia), no mesmo local onde aconteceu a conferência há 50 anos (nas dependências do Seminário da Arquidiocese de Medellín). Este congresso procurou celebrar, fazer memória e lançar novas perspectivas para a Igreja no Continente, em seus diversos campos de missão, inclusive no educacional. Entre seus vários pontos importantes, recordaríamos: o fato de ter sido celebrado no mesmo lugar onde acontecera há 50 anos; a presença de representantes da Igreja Católica, de todos os continentes e não apenas do nosso; a presença de convidados de igrejas irmãs: ortodoxos, protestantes e evan-

gêlicos; de judeus e de muçulmanos; todas as suas várias reflexões e o livro que foi produzido a partir do evento: *Obispos de la Patria Grande: Pastores, Profetas y Mártires* (Bidegaín, 2018) (21 bispos autores, entre eles dois brasileiros: Dom Helder Câmara e Dom Aloísio Lorscheider). Um encontro realmente fraterno, entre irmãos e irmãs que têm em comum o Evangelho de Jesus Cristo e a missão ética e moral de construir um mundo justo e fraterno.

As perspectivas e os desafios para a Igreja

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi um Concílio Pastoral, com o escopo de realizar uma atualização da Igreja aos tempos modernos, no encontro com as novas mudanças, sobretudo daquilo que era o mundo europeu do período pós duas Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945), com todas as transformações sociais, políticas e econômicas que o mundo conheceu na primeira metade do século XX. A Igreja também foi fortemente sacudida e provocada a dar respostas às novas perguntas, pois, como se diz: “mudando as perguntas, as velhas respostas já não servem mais”.

Um desafio que se apresentava à Igreja era a situação da nova evangelização, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, entre outras questões. Se para a Europa a situação se apresentava fortemente desafiadora, para a América Latina isso não era diferente. Com maior razão ainda, pois se tratava de traduzir o Concílio Vaticano II, seu epicentro eclesial, para a realidade da Igreja Latino-Americana, com todos os seus desafios e perspectivas. Desafio que não é diferente para um campo tão específico como é o educacional, dentro de uma grande universidade como a PUC-Rio, a mais antiga e mais potente instituição privada do país, com seu alto grau de excelência acadêmica, criada durante o período da Segunda Guerra Mundial, aos 31/10/1941, sendo hoje uma universidade comunitária, que tem a missão de educar segundo os princípios da ética cristã.

Os bispos latino-americanos não tiveram dúvidas e nem titubearam em deliberar pela realização de uma Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano para promover a reflexão e a concretização, na América Latina, sobre aquilo que fora decidido no Concílio Vaticano II, em Roma e que permanecia como o novo paradigma eclesial (paradigma conciliar), caminho a ser trilhado e modelo a ser implantado na Igreja no mundo todo, com superação do velho e emergência do novo. Urgia uma construção a ser feita a partir de um processo comum entre as várias Igrejas da América Latina, em união com a Igreja de Roma e do resto do mundo.

Um outro desafio que se apresentava à Igreja Latino-Americana no pós Concílio Vaticano II e durante a Conferência de Medellín era o agigantar-se da pobreza, da miséria, da violência, da corrupção e de outros problemas de ordem social e política, atingindo patamares ainda maiores que antes, inclusive os regimes de ditadura na América Latina e a situação crescente de violência e corrupção, que vivemos ainda hoje, em graus jamais pensados antes em nossa recente história. Os direitos humanos estavam sendo ignorados e violados diariamente. E a educação, que tem um papel fundamental na formação de consciência e na construção de uma sociedade nova, não era assegurada a todos indistintamente, nem sua boa qualidade.

Considerações finais

Cinco décadas já se passaram e a fase entusiasta da Conferência de Medellín também já se passou. Porém, permanece o seu *legado*, como um manifesto e uma decisão episcopal de uma Igreja Continental. Se ela não tem mais o seu frescor inicial, é preciso não nos esquecermos de que ela penetrou e percorreu nosso continente como “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14). Trata-se agora, mais do que nunca, de ler nos sinais dos tempos os grandes sinais de Medellín no decorrer da história e o que esta conferência ainda nos pode ajudar, no hoje e no amanhã de nossa história eclesial continental, sobretudo em nossa missão no cuidado da Casa Comum, na evangelização, na erradicação da pobreza, numa educação de qualidade para todos, em moradia, emprego, em tantas outras questões que nos afligem.

Hoje, trata-se de voltarmos para a Conferência de Medellín, após cinco décadas de caminhada, e beber novamente de seu carisma eclesial, de manter a sua tradição viva, pois ela deu força motora e renovadora à nossa Igreja, despertando muitas esperanças em nosso povo. Se ela foi ponto de chegada para a recepção do Vaticano II na América Latina, ela também foi ponto de partida, de construção de uma Igreja-fonte, e assim deve continuar com ação, audácia, criatividade e coragem em passos significativos, firmes e decisivos.

Enfim, a Conferência de Medellín foi mestra para a Igreja latino-americana, construindo-lhe uma identidade comum de Igreja de Cristo neste imenso continente latino-americano, deixando-lhe um ensinamento muito marcante, pois indicou os novos rumos e caminhos que a Igreja no continente deveria seguir para estar mais perto de seu povo: o contato com a Palavra de Deus e com as várias ciências; a sensibilidade para com os pobres e a indignação para com as situações

de injustiça; o valor das pequenas comunidades; o valor do testemunho de uma igreja pobre e do testemunho de seus pastores e fiéis para o bem do mundo; a busca de fidelidade ao Evangelho de Cristo; a superação dos constantes obstáculos, a busca de uma contínua atualização e tantos outros mais, tendo presente que os tempos históricos e os desafios são diversos dos anteriores e pedem novas respostas às questões atuais, visto que a chamada globalização de tudo reconfigurou o planeta e, por conseguinte, a posição da América Latina dentro dele: economia, política, tecnologia, comunicação, consumo, individualismo crescente, relativismo dos valores, vida planetária, diferenças de religião, mudanças nos paradigmas educacionais e ético-morais...

Agradecimentos

A todos e a todas a gratidão de nosso Departamento de Teologia, ao qual, hoje, sirvo com carinho e amor, na condição de diretor e de professor de seu quadro, tanto na graduação como na pós-graduação, com uma equipe maravilhosa em todos os seus setores. Parabéns pela realização desta X edição da Semana da CRE, pela temática, pela perseverança, pelo exemplo e pela publicação deste livro comemorativo, com artigos da Revista *CREatividade*. Que este livro físico possa nos ajudar ainda mais a servir à Igreja de Cristo nesta belíssima Casa do Saber, que é o campus da PUC-Rio/Gávea, esta casa comum que acolhe a todos nós: professores, alunos e funcionários.

Bibliografia

- SOUZA, N.; SBARDELOTTI, S. (Orgs.). *Medellín. Memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BEOZZO, J. O. Medellín: seu contexto em 1968 e sua relevância 50 anos depois. In: GODOY, M; JÚNIOR, F. A. (Orgs.). *50 anos de Medellín. Revisitando os textos, retomando o caminho*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- BIDEGAÍN, A. M. (Org.). *Obispos de la Patria Grande: Pastores, Profetas y Mártires*. Bogotá: CELAM, 2018.

Introdução

Um espaço de diálogo entre a fé cristã e as culturas

Rosemary Fernandes da Costa
Professora de Cultura Religiosa/PUC-Rio

Alguém poderia dizer que a Revista *CREatividade* nasceu em 2013, mas ela já vem de longa data. Ela nasceu no Departamento de Teologia, como revista impressa, em 1992, que tinha como editores a querida Prof^á. Margarida Souza Brandão e o saudoso prof. Luiz Cesar Monnerat Tardin. Naquela ocasião, a Revista trouxe a participação dos professores da Cultura Religiosa, da Teologia e convidados, com artigos voltados para o apoio pedagógico às aulas ministradas na PUC-Rio. A primeira edição contava com nove artigos e dois resenções de livros; a segunda trazia 12 artigos e a terceira edição saiu com oito artigos e duas resenções de livros.

Vale a pena observar a autorização do monge beneditino Pe. João Evangelista Enout, e os temas que já abordavam questões extremamente relevantes para o diálogo entre a fé cristã e as culturas hodiernas. Citamos alguns que nos interpellam ao longo desses 26 anos: *O diálogo como linguagem evangelizadora*, de Faustino Teixeira; *Notas sobre a Crise Ética Brasileira*, de Fernando Moreira; *A Violência da Desesperança*, de Luiz Cesar Tardin; *Universidade: autonomia, qualidade e compromisso social*, do Pe. Marcelo de Carvalho Azevedo; *Educação à distância no Ensino Superior*, de Maria Lutgarda Mata e Marimar Stahl; *Santo Domingo: uma nova evangelização para uma nova cultura*, de Ana Maria Tepedino e Filippo Santoro; *Fé e Ciência: grandes desafios atuais à luz de Teilhard de Chardin*, do Pe. Josafá Siqueira; *Fé Cristã e Cultura Religiosa*, de Carmencita Seffrin.

Seguem abaixo imagens do Sumário das três edições históricas.

ATIVIDADE	
EDITORIAL	3
1. O DIÁLOGO COMO LINGUAGEM EVANGELIZADORA	4
2. O CONFLITO DA RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E DEUS	13
3. INCULTURAÇÃO DO CRISTIANISMO NA CULTURA DO JOVEM HOJE	19
4. A QUERIDA ÉTICA - ALGUNS TEMAS DE ESTUDO	25
5. NOTAS SOBRE A CRISE ÉTICA BRASILEIRA	31
6. DEUS DE TI, DEUS DE EU	35
7. UNIVERSIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL	39
8. A FAVOR DA NATUREZA HUMANA	43

1992

SUMÁRIO	
3	Editorial
5	Bem e Mal
9	O Sagrado e a Questão do Mal
13	Demonios, Ritos e Liturgias
14	Depoimento de um Exorcista
17	A Violência da Desesperança
20	A Indiferença Religiosa e o Destino da Fé Cristã
24	Universidade: Autonomia, Qualidade e Compromisso Social
28	Educação à Distância no Ensino Superior
32	Despoluição da Baía de Guanabara e a PSC
33	Santo Domingo: Uma Nova Evangelização para uma Nova Cultura
35	Memória e Saúde de Um Amigo
36	Lançamento em Tempo de Festa
38	Cartas Fazem Eloquio da Revista

1993

SUMÁRIO	
3	Editorial
5	Uma Só Carne
11	Coração, Sabedoria e Consciência Ética
17	Espiritualidade e Ética
25	A primeira Carta de Pedro
29	Bíblia e Educação Popular
33	Fé Cristã e Cultura Religiosa
35	Ensaio Aberto sobre Trabalho Comunitário
36	Fé e Ciência, grandes Desafios Atuais à Luz de Teilhard de Chardin
40	VIRO: El Dios Santos, una Dios el sufrimiento?
42	VIRO: Adão, Eva e a Serpente
50	Notícias
53	Cartas dos Leitores

1994

Resgatando esse projeto fontal, a equipe docente do Setor de Cultura Religiosa, começou a se reunir em 2012 e recomeçamos esta gestação, que já vai para cinco anos, com oito edições on-line, tendo como editores neste período a prof^a. Monica Campos, a prof^a. Rosemary Costa e o prof. Geraldo Bellocchio, e a partir deste ano, o prof. João Antonio Sucupira.

- 2013.1 – *Rastros do Divino na Cultura do Brasil*;
- 2014.1 – *Ética: Diálogo entre Teoria e Prática*;
- 2014.2 – *Direitos Humanos para todos e todas*;
- 2015.1 – *Por uma fé afetiva e efetiva no contexto político*;
- 2016.1 – *Políticas Públicas na cidade do Rio*;
- 2017.1 – *O Cuidado da Casa Comum é nossa responsabilidade*;
- 2017.2 – *Caminhos do Cristianismo Hoje e*
- 2018.1 – *Bodas de Madeira: Cinco anos do pontificado de Francisco*.

Neste sentido, a palavra “resgate” é significativa para expressar os rumos que inspiram a construção temática e metodológica de nossa revista e a articulação entre os conteúdos e a prática pedagógica que orientam nosso cotidiano na universidade.

A prática pedagógica do Setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia possui um fazer teológico-pastoral muito próprio, pois neste espaço se articulam ministério e magistério, em uma parceria cotidiana que integra os planos de curso, ementas, bibliografias, metodologias, instrumentos de avaliação, trocas entre estudantes, professores e áreas interdisciplinares de todo o campus universitário.

Essa prática se orienta à formação de profissionais de todas as áreas de conhecimento, na construção de um eixo referencial cristão que seja sua base, sua estrutura fundamental no exercício da cidadania, na construção do Reino, no empenho para uma sociedade de fraternidade, justiça e paz. Segundo o último Documento de Identidade da CRE, os cursos buscam a formação de pessoas “capazes de se posicionar de forma crítica e esclarecida, sensível e dialógica, transformadora e propositiva, diante dos desafios contemporâneos que envolvem a relação entre religiões, ética e culturas”. Na verdade, a missão da CRE está estreitamente ligada à identidade e missão da PUC-Rio buscando, através dos cursos oferecidos, “desenvolver um conhecimento em valores e critérios para uma atuação e pensamento críticos diante do pluralismo científico e ideológico e dos desafios presentes numa sociedade globalizada, multicultural e plurirreligiosa, marcada

por injustiças sociais e graves problemas ambientais”. (Padua; Carias; Pereira; e Bellochio, 2008)

Um dos primados desta prática pedagógica tão original é a experiência de alteridade das salas de aula. A experiência pedagógica é a experiência de encontro com o outro, com os outros, com as outras: pessoas, histórias, contextos, áreas de pesquisa, visões de mundo, pertencas religiosas, valores. Tudo se entrecruza em um tecido complexo e, por isso mesmo, extremamente atraente em seu processo de revelação cotidiana. O professor da Cultura Religiosa vive na sala de aula, não apenas uma experiência profissional, acadêmica, mas uma verdadeira práxis de encarnação, uma experiência mística, pois, a cada dia, a cada turma, a cada semestre de trabalho, encontra novos desafios e novos caminhos em um processo de evangelização sempre centrado no Mistério que se revela a cada momento.

Trazemos aqui as palavras de teóloga e companheira da PUC-Rio, Maria Clara Bingemer – que também atuou como professora na Cultura Religiosa –, sobre a experiência mística da alteridade: “Na mística cristã, esse outro, essa alteridade, tem o componente antropológico no centro de sua identidade, uma vez que o Deus experimentado se fez carne e mostrou um rosto humano”. Longe de provocar uma experiência descomprometida com o outro, a mística cristã configura a pessoa na dinâmica relacional em que é a alteridade que se torna o horizonte de seu agir.

Em consonância com as palavras do Papa Francisco e com a visão de pessoa da antropologia judaico-cristã, compreendemos a modernidade de maneira crítica e discernimos, no seu bojo, os princípios motivadores da vocação de toda pessoa, que corroboram para que a mensagem bíblica e a atividade missionária encontrem abertura para sua trajetória. A razão moderna parece, em muitas ocasiões, ter sufocado toda possível experiência de encontro, de alteridade. No entanto, vemos surgir reflexões profundas no campo das ciências humanas, que se fazem parceiras, considerando a abertura para o outro e para a outra, para o meio ambiente e para o cosmos, para o encontro com o Transcendente, como único caminho para a realização do projeto de humanização.

Na Encíclica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco chama a atenção para a tarefa do teólogo com relação ao diálogo com as demais ciências.

As diversas linhas de pensamento filosófico, teológico e pastoral, se se deixam harmonizar pelo Espírito no respeito e no amor, podem fazer crescer a Igreja, enquanto ajudam a explicitar melhor o tesouro riquíssimo da Palavra. A quantos sonham com uma doutrina monolítica defendida sem nuances por todos,

isto poderá parecer uma dispersão imperfeita; mas a realidade é que tal variedade ajuda a manifestar e desenvolver melhor os diversos aspectos da riqueza inesgotável do Evangelho. (EG 40)

Sobre o mesmo tema, ele avança, mais adiante, no parágrafo 242:

O diálogo entre ciência e fé também faz parte da ação evangelizadora que favorece a paz. O cientificismo e o positivismo recusam-se a “admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas”. (...) Toda a sociedade pode ser enriquecida através deste diálogo que abre novos horizontes ao pensamento e amplia as possibilidades da razão. Também este é um caminho de harmonia e pacificação. (EG 242)

O Deus que se revela na história da salvação é relação e comunhão, é o Deus uno e trino. A experiência trinitária revela uma relação de comunhão e de alteridade. Não uma comunhão que anula a identidade, mas que a assume como diferencial e enriquecedora, como pessoas distintas entre si, mas numa relação de intercomunhão, de interdependência. Nessa lógica amorosa é que desejamos pontuar a parceria entre a teologia e a evangelização, as dimensões do ministério e do magistério em diálogo profícuo e necessário, unidas pelo mesmo empenho missionário. Estamos falando de um campo missionário, de um espaço fecundo para o encontro, contudo, para ser uma experiência de encontro cristão, precisa avançar do campo discursivo ou doutrinário, ir até a realidade, encarnar-se nela e dialogar com ela. À medida que o anúncio cristão vai sendo trabalhado, ele mesmo faz emergir uma série de questões pessoais, de acordo com a realidade da pessoa e de suas relações com o mundo, assim como a busca de respostas a essas interpelações que chegam ao coração humano.

Este processo chama nossa atenção para a necessidade de um diálogo permanente entre a ação pedagógica e a realidade de cada pessoa. Chamamos esse movimento dialógico de dinâmica mistagógica, pois nela a iniciativa é divina, é Deus quem fala, quem propõe, quem se revela, e o ser humano pode acolher, ser responsivo. Na teologia contemporânea, K. Rahner resgata a pedagogia do Mistério, e nos fala na presença da mistagogia na evangelização, como uma dinâmica em que o anúncio da fé cristã dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. (Rahner, 1978, p. 48) Rahner adverte que, se a evangelização permanecer apenas como doutrinação, estará errando em sua própria essência. Ela é apelo irrompido do mais íntimo âmago da pessoa humana agracia-

da. A mistagogia é, portanto, compreendida como caminho que tem seu princípio ativo na própria iniciativa divina e na abertura livre da pessoa a este processo. Além disso, é uma realidade dinâmica, que implica pessoa e comunidade.

A dinâmica mistagógica que, em nosso espaço pedagógico, envolve as muitas dimensões deste processo – o professor, os estudantes e o Evangelho –, clama por uma integração vital e fecunda, processual e constante, entre o saber teológico e o saber pedagógico. Pressupõe uma experiência de fé fundada na mística e no aprofundamento teológico, mas também é subsidiada pelo acompanhamento do contexto, da situação histórica, pelo conhecimento afetivo e efetivo daqueles com quem se dialoga nesse processo, pelo saber pedagógico que orienta o processo de experiência e de construção de conhecimentos e pela integração desses fatores na experiência comunitária.

Mais uma vez acolhendo a exortação do Papa Francisco na Encíclica *Evangelii Gaudium*, observemos que ele cria um neologismo que é extremamente significativo e interpelador para nossa prática pedagógica na Universidade. No número 24, o Papa Francisco nos exorta “primeirar”, a ser comunidade de discípulos missionários, aqueles que reconhecem que o Senhor é quem toma a iniciativa, que nos procede no amor e, por isso, se envolve, acompanha, frutifica e festeja (EG 25).

Nesta dinâmica de alteridade fecunda e comunicativa entre ministério e magistério, retomamos o tema da atitude de crer para a subjetividade moderna, como um dos desafios que a modernidade vem nos apresentando, na tentativa de somarmos saberes e esforços na finalidade de um discernimento que traga frutos para a missão pedagógica da Cultura Religiosa.

A atitude de crer vem sofrendo uma metamorfose em tempos de modernidade. O crer objetivo não é mais sancionado pela razão, por Deus, pela tradição, ou pela sociedade. Neste momento estamos diante de um crer como atitude subjetiva, de quem se coloca como quem duvida, como quem necessita incorporar o conceito na própria pele, e formulá-lo a partir desta experiência sensível. Perigo fatal de que a pessoa caia no subjetivismo radical, totalmente centrada em si mesma e, conseqüentemente, isolada do mundo e dos outros. É uma atitude que encontra em si mesma sua fatalidade, sua morte para a realização da pessoa. O mercado religioso é um dos fatores que se encontra dentro desta dinâmica. São muitas as ofertas de “experiências” sensíveis, palpáveis, subjetivas e intimistas. Verdadeiro desvio diante de tanta fragmentação e ausência de sentido para a vida.

Nesse caminho pedagógico, vamos do curso de Humano e Fenômeno Religioso, para o caminho do seguimento de Jesus, no Cristianismo, e apontamos para o testemunho desse seguimento, na Ética Cristã e na Ética Socioambiental e Direitos Humanos. Assim, vamos propondo, orientando, abrindo diálogos, apresentando conhecimentos e discernimentos, visando que a experiência cristã, de seguimento de Cristo, longe de situar-se como emoção subjetiva, conclame aos gestos, ao compromisso, ao serviço ao outro, à corresponsabilidade. Este é, a nosso ver, o grande desafio para o caminho pedagógico que a Cultura Religiosa envereda a cada dia.

Nosso Papa, em sua Encíclica *Laudato Si*, nos interpela a assumirmos juntos o “urgente desafio de proteger a nossa Casa Comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (LS 13) e prossegue convidando ao diálogo na direção da meta comum: “precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós” (LS 14).

O saber teológico vem auxiliar na ampliação do horizonte de compreensão e hermenêutica da dinâmica da Revelação em cada tempo e situação. Coloca-se à escuta da Palavra que ecoa no tempo e convoca a uma experiência de fé cada vez mais globalizante e radical. Lembramos que toda experiência se dá envolvida em uma linguagem, o que nos remete à importância das expressões, dos instrumentos, da metodologia, acompanhados de criatividade e das necessárias adaptações que estabeleçam real comunicação com as experiências atuais.

A experiência cristã é uma experiência que se encarna em uma determinada forma de viver que reproduz a forma de viver que Jesus anuncia e instaura. E, como a forma essencial de vida de Jesus se resume em seu ser para os demais manifestado no amor e no serviço, a experiência cristã de Deus encontra sua manifestação mais autêntica nesse seguimento de Jesus, no amor, no serviço, na fraternidade: “Jesus Cristo, sacramento de Deus, se prolonga assim no sacramento do irmão como lugar privilegiado para o encontro com ele e nele com Deus”.

Enfim, a experiência mística do Cristianismo é a experiência de um Deus encarnado, de um Deus que age e trabalha no mundo. Na mistagogia, esse Deus experimentado em seu Mistério, se torna mola propulsora da práxis humana, que se revela no amor aos irmãos e irmãs. “Encontrar a Deus será, assim, encontrar ao mesmo tempo o mundo e os outros, e contemplar a Deus será sinônimo de fazer acontecer no meio da realidade, com todas as suas ambiguidades e problemas, o reino de Deus”.

Na verdade, estamos diante da circularidade exigida pela reflexão teológica entre a vivência da fé e sua compreensão. Algumas orientações provenientes dos conselhos do Papa Francisco quando se dirige às catequistas podem ser fonte para nossa prática pedagógica na universidade: “A evangelização é proximidade e encontro com Jesus: união com Jesus (sístole) e encontro com o outro (diástole). Se falta um destes dois movimentos, o coração deixa de bater, não pode viver.”

Ao atuarmos nesse dinamismo, a comunidade docente-discente se torna comprometida, é *ad intra* e *ad extra*, ou seja, diante do encontro com Jesus a própria comunidade é interpelada e caminha na conversão e, ao mesmo tempo, esse processo e testemunho se tornam prática concreta, ética de responsabilidade solidária, pois a repercussão pessoal é também repercussão comunitária e social.

Não podemos esquecer que na universidade estamos a anunciar valores centrais, que brotam do Evangelho, em meio à diversidade cultural e a muitas visões filosóficas e religiosas. Com relação a essa abertura dialógica, que integra a identidade católica e a diversidade cultural e humana, ouçamos, mais uma vez, a exortação do Papa Francisco:

O compromisso ecumênico corresponde à oração do Senhor Jesus pedindo “que todos sejam um só” (Jo 17, 21). A credibilidade do anúncio cristão seria muito maior, se os cristãos superassem as suas divisões e a Igreja realizasse “a plenitude da catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo Batismo, estão separados da sua plena comunhão”. Devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus. O abrir-se ao outro tem algo de artesanal, a paz é artesanal. Jesus disse-nos: “Felizes os pacificadores” (Mt 5, 9). Neste esforço, mesmo entre nós, cumpre-se a antiga profecia: “Transformarão as suas espadas em relhas de arado” (Is 2, 4). (EG 244)

Nossa revista tem esse eixo referencial, de cunho pedagógico-pastoral: de-seja ser um espaço de diálogo fecundo, que viabilize aproximações acadêmicas e reflexivas, que oriente para o agir ético marcado pelos valores evangélicos, que se coloque disponível para a busca de reflexões responsáveis e coerentes com o projeto do Reino de Deus anunciado na pessoa de Jesus Cristo. Por tudo isso, nos colocamos também como caminhantes, como orientadores e também como aprendizes, na perspectiva da unidade na diversidade, do respeito e diálogo com

as diferenças, da comunidade como realização concreta da Igreja, enfim, da eclesiologia de comunhão.¹

É nesse caminho que assumimos a missão de sermos educadores nesta universidade, como pesquisadores do *fenômeno religioso*, do *cristianismo* e da *ética cristã*, mas, principalmente, como missionários mistagogos, dispostos a nos colocar a cada dia como iniciantes na acolhida ao Mistério, fiéis ao encontro com Deus, que supõe o caminhar, um caminhar existencial, que vá ao encontro da centralidade da pessoa e, na densidade desta experiência, o encontro com a mais radical alteridade, a presença de Deus. É uma experiência desafiante e, ao mesmo tempo, fecunda, pois leva a pessoa a superar a dupla tentação de desistir, perder a esperança de encontrar o sentido da vida, ou pretender realizar-se por si mesma, e que a conduz a abertura ao Mistério que se oferece e que a faz ser.

Concluimos com um pequeno e denso caminho proposto pelo Papa Francisco quando Cardeal, em Buenos Aires, se dirigindo aos catequistas:

que vivamos a experiência de fé como experiência do Espírito,
assinalada pela capacidade de colocar-se no caminho;
que, ao estilo de Jesus, nossa experiência pedagógica seja marcada pela proximidade cordial
e, por isso mesmo, vivamos esse Mistério com paixão e entusiasmo.²

Bibliografia

- BINGEMER, M. C. L. A alteridade e seus caminhos. In: FABRI, M. (Org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Roma: Editrice Vaticana, 2013.
- VELASCO, J. M., *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Santander: Sal Terrae, 2002.

1 O Concílio Vaticano II aponta para a concepção de Igreja como Povo de Deus, conceito bíblico e patrístico, que nos conduz à imagem de uma Igreja que deseja ser sacramento de um Deus comunhão do Pai pelo Filho no Espírito. A eclesiologia de comunhão é seu ponto de partida e seu horizonte, é fonte do Mistério da própria Igreja e, ao mesmo tempo, Povo de Deus que caminha, atento aos sinais dos tempos. Cf. *LG*, especialmente n. 31 e 33; *CL*, especialmente n. 19 e 20. Sobre este tema ver ainda o documento da CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*. Maio de 1992. Disponível em: www.vaticano.va. Acesso em 26 de maio de 2018.

2 BERGOGLIO, J. M. *Carta del cardenal Jorge Mario Bergoglio, a los Catequistas*, Buenos Aires, 21 de Agosto de 2012. Disponível em <http://es.catholic.net/op/articulos/14776/cat/65/carta-del-cardenal-jorge-mario-bergooglio-a-los-catequistas>. Acesso em 26 de maio de 2018.